



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6337 - Pôster - XIII Reunião Científica da ANPEd-Sul (2020)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 18 - Gênero, Sexualidade e Educação

GERAÇÃO E GÊNERO: INFÂNCIAS EM ANÁLISE

Greice Kely Rech Werner - UNIVALI - Universidade do Vale do Itajaí

Ana Claudia Delfini de Oliveira - UNIVALI - Universidade do Vale do Itajaí

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

GERAÇÃO E GÊNERO: INFÂNCIAS EM ANÁLISE

As reflexões propostas neste artigo fazem parte de uma pesquisa dissertativa em curso na área da Educação que dialoga com os pressupostos teóricos da sociologia da infância – SI. A SI ganhou densidade teórica no último quartel do século XX quando passou a considerar epistemologicamente a criança como um ator social e infância como uma categoria de análise geracional. As correntes teóricas (construtivismo, estruturalismo e enfoque relacional) rompem com as percepções biológicas limitantes sobre a infância/criança, e reinterpretam a tradição sociológica sobre o processo socialização infantil no qual a criança absorve as regras e o comportamento socialmente esperado para elas por intermédio da ação das instituições, como escola e família, e dos adultos sobre elas, como pais e professores. Tais discussões são pertinentes para diálogos com a área da Educação, a problemática deste artigo é verificar se há a incorporação dos paradigmas da SI nas pesquisas sobre infâncias/crianças em Educação. O objetivo é investigar em que medida as categorias geração e gênero se constituem para solidificar os aspectos inovadores e participativos das crianças na escola à luz das correntes teóricas da SI.

Dois paradigmas presidem as discussões da SI: a noção das crianças como atores sociais e a categorização da infância como construção social. Para que a atuação da criança como ator social ocorra é oportuno sinalizar a significância da escuta dos sentidos produzidos por elas, a respeito de questões que circundam suas vidas como as relações vividas com seus pares geracionais em um dado contexto histórico.

Na teoria construtivista, fica visível uma percepção diferenciada sobre a criança, Belloni (2009) destaca que essa teoria considera que os atores constroem o mundo em que vivem, havendo a possibilidade do sujeito apropriar-se das questões sociais, para além de uma mera passividade. Já a vertente estrutural indaga: qual é

a posição da infância na estrutura social da sociedade moderna? Qvortrup compreende que esta indagação leva ao entendimento da infância como forma particular e distinta da estrutura social de qualquer sociedade, ela não é uma fase transitória mas uma categoria social permanente. No conceito de “reprodução interpretativa” de Corsaro (1997, p.31) propõe:

O termo interpretativo abrange os aspectos inovadores e criativos da participação infantil na sociedade.[..]. a criança e sua infância são afetadas pelas sociedades e culturas que integram. Essas sociedades e culturas foram moldadas e afetadas por processos de mudanças históricas.

Apoiado em autores como Corsaro (1997), James, Jenks e Prout (1999), Sarmiento acrescenta o conceito de culturas infantis como a “capacidade das crianças em construir, de forma sistematizada, modos de significação do mundo e de acção intencional que são distintos dos modos adultos de significação e acção.” (SARMENTO, 2005, p.4) Ao considerar a infância como elemento constitutivo da sociedade, reiteramos que, assim como os adultos, as crianças estão/são ativas na sociedade por meio da produção de suas culturas infantis.

A maneira como as crianças desenvolvem seus significados de mundo e de ação são atravessadas por relações de classe, gênero, geração e etnia, logo, a produção cultural elaborada pelas próprias crianças nas interações entre seus pares devem considerar estes marcadores, dos quais chamaremos a atenção para geração e gênero. Sarmiento define a infância como uma categoria social do tipo geracional formada por sujeitos ativos

Geração é um constructo sociológico que procura dar conta das interações dinâmicas entre, no plano sincrónico, a geração-grupo de idade, isto é, as relações estruturais e simbólicas dos atores sociais de uma classe etária definida e, no plano diacrónico, a geração-grupo de um tempo histórico definido [...] inscreve no projecto científico da sociologia da infância. (SARMENTO, 2005, p. 366)

É da relação entre as gerações infantis e adultez que surge a necessidade de pensarmos a categoria gênero. Reconhecer que as infâncias são constituídas por e pelas relações de gênero, e são impactadas pelas relações de poder que ocorrem nas relações com outros indivíduos e grupos conforme propõe Mayall (2002) na teoria do “enfoque relacional da infância para analisar todas as relações sociais de gênero e geração presentes na infância e adultez.” (MAYALL, 2002, p. 31) Ao pensarmos na escola como uma instituição na qual a criança é inserida logo nos primeiros anos de vida e cujo princípio é a formação integral da criança, precisamos trazer para esse diálogo as inúmeras relações que a criança estabelece ao socializar-se com seus pares, com outras crianças maiores ou menores e com os adultos que assumem o papel de professor/a. Negar que as relações de gênero estão presentes sendo permeadas por relações de poder é uma atitude ingênua e equivocada, é urgente problematizar o ponto de vista das crianças, entendendo que quando apenas um lado é ouvido, o outro perde a oportunidade de se manifestar. Logo, a intenção é reafirmar a potência presente nos discursos infantis, levando em conta que a densidade de pesquisas em Educação que empregam a abordagem do ponto de vista infantil é bastante rasa, já que as pesquisas nesta área ainda são predominantemente adultizadas como aponta os resultados da revisão de literatura

no banco de teses e dissertações da Capes sobre as pesquisas realizadas por profissionais da área da Educação que utilizaram as categorias geração e gênero nos estudos sobre infâncias.

Os descritores aplicados foram: "falas infantis" (3 dissertações), "narrativas infantis" (15 dissertações e 5 teses), "vozes infantis" (1 dissertações e 1 tese) , "desigualdade de gênero" + "falas infantis" (6 dissertações e 4 teses) num montante geral de 34 trabalhos. . O recorte temporal teve o foco no período de 2015-2019 considerando pesquisa a nível de pós-graduação em programas de mestrado e doutorado em educação. Para fins de maior compreensão e assimilação dos objetivos das pesquisas identificadas foi realizada a leitura prévia dos títulos. Não foi possível identificar pesquisas que buscaram considerar o ponto de vista das crianças acerca das categorias gênero e geração, a partir das narrativas produzidas pelas crianças no âmbito escolar, considerando que à escola é uma das instituições tão presente na vida das crianças quanto a instituição familiar. As pesquisas encontradas com o descritor "falas infantis" que ouviram as crianças tiveram os seguintes enfoque temáticos (as pesquisas das foram agrupadas por temáticas): compreender a natureza viva nas falas infantis, investigar a história de uma escola a partir das vozes infantis. Com o termo "narrativas infantis" observamos que as crianças foram ouvidas a respeito das seguintes categorias: infância; processos formativos; vida na escola; violência escolar; ingresso no ensino fundamental; o tempo na educação infantil; rede de proteção da infância; contexto escolar no hospital. As pesquisas com o descritor "vozes infantis" não colocaram como categoria de análise direta o ponto de vista das crianças, abordaram a importância da roda de conversa e as possibilidades do diálogo para filosofar. Nos resultados obtidos com o descritor "desigualdade de gênero" + "falas infantis" os/as pesquisadores/as tiveram o objetivo de observar as questões de gênero no Governo Dilma, em aulas de religião, constituição da profissão cirurgiã, educação em penitenciárias femininas, gênero em livros didáticos, formação de professoras, desse modo também não houveram pesquisas que adotaram o ponto de vista das crianças.

Precisamos adotar uma postura crítica enquanto pesquisador/as e profissionais da área da educação. Um atitude questionadora a fim compreender que tipo de discurso sedimenta as relações entre crianças e adultos na escola que tem contribuído para o distanciamento dessas discussões por quem está na linha de frente no âmbito escolar. Ao assumir uma atitude crítica o profissional da educação poderá romper com hábitos no ambiente escolar que naturaliza as relações de gênero/poder numa perspectiva binária homem sobre a mulher, adulto sobre a criança.

A escola é um ambiente em que as relações sociais borbulham. Desse modo "é indispensável que reconheçamos que na escola [os contextos educacionais] não apenas reproduz[em] ou reflete[m] as concepções de gênero que circulam na sociedade, mas que ela própria [eles próprios] as produz[em]" (LOURO, 2001, p. 80-81). As questões de gênero estão circunscritas nas gerações e, a partir do momento em que não há um olhar ou tampouco um diálogo, corremos o risco de naturalizarmos as relações de poder que decorrem das relações de gênero.

A afirmação de Sarmiento e Pinto (1997, p. 25): "o olhar da criança permite revelar fenômenos sociais que o olhar dos adultos deixa na penumbra ou obscurece totalmente", nos lembra sobre a significância de dar voz às múltiplas vozes infantis no ambiente escolar como contraponto às inúmeras pesquisas que sempre deram ênfase ao adultocentrismo na produção de conhecimento sobre infância. Urge a

necessidade de oportunizar que as crianças possam socializar seus pontos de vistas em todos os ambientes em que relacionam-se com seus pares geracionais. Entendemos que sendo as relações de gênero uma realidade que demanda reflexões, questionamentos, um olhar crítico ao invés de naturalizado, há pequenos caminhos que podemos trilhar diariamente visando dialogar com as crianças as quais temos contato, buscando compreender seu ponto de vista para construir suas trajetórias identitárias. Percebemos é a ausência do exercício de escuta para que o ponto de vista possa ser manifestado e partilhado para uma conexão e relação de empatia com as demais gerações que produza novas experiências que “as toquem” e não “apenas passem”, parafraseando Larrosa, já que a cada dia muitas coisas passam nas vidas infantis nos ambientes escolares, em contrapartida estamos preocupados/as em organizar essas passagens para que realmente algo aconteça?

PALAVRAS-CHAVE: Geração; Gênero; Infância.

REFERÊNCIAS

BELLONI, M.L. **O que é a sociologia da infância**. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

CORSARO, W. A. **Sociologia da infância**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011

LOURO, G. L. **Gênero e magistério: identidade, história e representação**. In: CATANI, D. B. et al. (Orgs.). *Docência, memória e gênero: estudo sobre formação*. São Paulo: Escrituras Editora, 1997. p. 85-97.

LAROSSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MAYALL, Berry. **Towards a sociology of childhood: thinking from children's lives**. Londres: Ed. Open University Press, 2002. _____. *Conversas com crianças: problemas geracionais*. In: CHRISTENSEN, Pia; ALLISON, James (Orgs.). **Investigação com crianças: perspectivas e práticas**. Porto: Paula Frassinetti, 2005. pp.123- 142.

JENKS, Chris; JAMES, Alisson; PROUT, Alan. **O corpo e a infância** In: KOHAN, Walter O. e KENNEDY, David. *Filosofia e infância: Possibilidades de um encontro*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1999.

QVORTRUP, J. *Childhood Matters: An Introduction*. In: QVORTRUP, J; BARDY, M; SGRITTA, G; WINTERSBERGER, H. (Orgs.) **Childhood Matters: Social Theory, Practice and Politics**. Aldershot: Avebury, p. 1-23, 1994.

SARMENTO, M. J.; PINTO, M. **As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo**. In: _____. **As crianças: contextos e identidades**. Portugal: Centro de Estudos da Criança; Editora Bezerra, 1997.

SARMENTO, M.J. *Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância*. **Revista Educação e Sociedade**. Campinas, vol. 26, n. 91, p. 361-378, Maio/Ago. 2005. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>.

OLIVEIRA, A. C. D. C. **Estudos sociológicos sobre infância no Brasil: Crianças sem gênero?**. 2011. TESE (Doutorado Sociologia Política) - UFSC, Florianópolis, 2011.